

A PRESENÇA DA PALAVRA NA ARTE: A ESCRITA COMO FORMA DE CRIAR LUGARES

BIANCA DE OLIVEIRA LEMPEK DE-ZOTTI¹;
HELENE GOMES SACCO² (Orientadora)

¹ Universidade Federal de Pelotas – biancadelzotti26@gmail.com 1

² Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com 2

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe abordar a escrita no campo das artes visuais, entendendo a escrita como uma forma de criar lugares. Dessa forma, o trabalho busca investigar a escrita como potencial de criação, invenção e construção de lugares, que propõe uma outra experiência e percepção dos espaços e objetos.

Para pensar sobre a materialidade, o suporte e os modos como a escrita se inscreve no mundo, apresento brevemente a produção poética de artistas que traçam relações entre as palavras e os objetos, como Fabio Morais (2021), Elida Tessler (2014) e Helene Sacco (2013). Além disso, Aline Dias (2019) e Elke Coelho (2019) respaldam o referencial teórico como pesquisadoras que pensam a escrita no campo das artes. Por fim, articulo três trabalhos poéticos de minha autoria: “A Casa-Ruína”, “Mapa para se perder” e “Não repara a bagunça”, que possuem a escrita e a relação com o lugar, especificamente o espaço da casa, como fio condutor.

2. METODOLOGIA

O trabalho possui como parâmetros metodológicos as noções de pesquisa no campo de artes visuais. A pesquisa em arte, conforme SANDRA REY (2002), é orientada a partir do processo de criação da obra, bem como das questões teóricas e poéticas evocadas pela prática. Para REY (2002), a metodologia da pesquisa em arte transita de forma ininterrupta entre a prática e a teoria, investigando os conceitos teóricos através da experimentação, e vice versa. Dessa forma, parte da metodologia dessa pesquisa é investigar e analisar os conceitos teóricos ativados pelo processo prático, como também a produção poética de outros artistas. Nesse caso, Fabio Morais, Elida Tessler, Helene Sacco, Aline Dias e Elke Coelho são os referenciais teóricos e poéticos adotados nessa pesquisa.

Para MORAIS (2021), a escrita nas artes visuais lida não apenas com a sintaxe que ordena o idioma, ou a ortografia das palavras, mas também a relação com os objetos e com a materialidade da palavra: “Escrever, nas artes visuais, significa inscrever a escrita no mundo dos objetos ou das ações – onde a página é apenas uma entre um trilhão de possibilidades – ou seja, trata-se da criação verbal e da decisão de como ela será inscrita no mundo.” (MORAIS, 2016, p. 2). Os trabalhos de Fabio Morais abordam essa escrita expográfica, que se dá nas materialidades da arte. É possível perceber esse pensamento sobre o suporte da palavra, por exemplo, em sua obra De repente (2021), na qual o suporte que sustenta a escrita faz com que a frase despenque. As frases vão se desfazendo, perdendo a sua solidez, colocando em questão a fragilidade dos pactos.

A escrita, para DIAS (2019), comporta sempre o risco da rigidez e o risco de desmoronamento. Conforme a autora, escrever é um processo, feito de persistências e demoras, um percurso não só dos dedos nas teclas ou da mão marcando o papel, mas também do encontro com as palavras. Na obra de Fabio Morais (2021), há uma performance desse corpo do texto, como se as palavras



perdessem a força de atração que as mantém unidas, perdendo o sentido pouco a pouco através desse desmoronamento.

ELKE COELHO (2019) entende a escrita como risco, e aproxima o ato de escrever com os gestos cotidianos, como o simples riscar de um fósforo, um desenho entre a superfície a pólvora que faz o fogo: “escrevo em estado de risco, de medo, de dúvida e de inquietação, à espera de que uma possível chama seja gerada a partir do atrito entre as palavras e o suporte que as recebe.” (COELHO, 2019, p.56). A palavra é sempre incendiária e tangencia um perigo, o risco de queimar e de ser queimada. Estreitando a relação da escrita com os objetos e gestos do cotidiano, relaciono o pensamento de Elke Coelho (2019) com a obra de ELIDA TESSLER, PHOSPHOROS (2014), na qual a artista produziu uma caixa contendo 122 palitos de fósforo. Na superfície de madeira foram impressos os títulos dos livros citados no livro Fahrenheit 451, de Ray Bradbury. ELIDA TESSLER (2020), ao pensar sobre a presença da palavra escrita em produções de arte contemporânea, considera essencial considerar o suporte da palavra, os aspectos de sua apresentação e o contexto em que aparecem. Conforme Tessler (2020), a via que lhe interessa em suas obras é evocar a palavra como matéria, como gesto, como posicionamento e como instrumento de corte. Para a artista (2020), “O universo da palavra é imenso. A amplitude de seus usos é incontornável.”

Para SACCO (2014), a escrita é como uma máquina de invenção que pode processar a materialidade do mundo transformando-a numa sutil materialidade: “[...] há na palavra uma materialidade extraída do olhar detido para os objetos, da experiência nos espaços, de uma percepção do mundo que abarca todos os cinco sentidos e ainda acrescenta um sexto, que é ligado à linguagem: o sentido-significado.” (SACCO, 2014, p.26). No trabalho Odisseia mínima até Lugar Nenhum (2013), a artista e pesquisadora Helene Sacco relaciona o desenho e a escrita como forma de percorrer os cinco continentes a partir de pranchas taxonômicas de um Atlas que possuíam um inventário daquelas terras, acrescentando um sexto continente, O Lugar Nenhum. Conforme SACCO (2014, p. 328), as descrições de cada continente relatam o visto, mas inventam uma nova realidade para a presença de cada coisa: “A palavra assume o papel de elemento encadeador entre o sentido de uma coisa e outra, entre o visto e o lido”. Segundo SACCO (2014), a escrita pode ser, de fato, um lugar no qual o leitor pode habitar. A escrita possui o poder de produzir uma realidade, de reinventar o mundo. Há, na escrita e na leitura, uma experiência de imersão. Ler é uma forma de tocar novos mundos além daquele que nos opõe e limita. Escrever, então, é inventar um lugar e convidar o outro a visitá-lo, habitar em conjunto e compartilhar esse espaço construído por palavras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram produzidos, até o momento, três trabalhos poéticos que buscam apresentar a escrita como forma de criar lugares, explorando a construção de uma espécie de espacialidade através das palavras e da construção de sentidos. Os três trabalhos apresentados possuem o espaço da casa como temática.

A produção A Casa-Ruína (2022) é uma publicação que possui o formato de uma casa (Figura 1 e 2), e mostra doze espaços, possuindo as paredes e o chão como espaços expositivos de poemas e fotografias que podem ser explorados, percorridos e manipulados. O trabalho teve como objetivo representar uma casa que, fisicamente, não existe mais, e que agora só existe na memória daqueles que a habitaram, através de poemas e fotografias sobrepostas. A escrita desses poemas é uma espécie de cartografia em ruínas, uma tentativa de recuperar essa

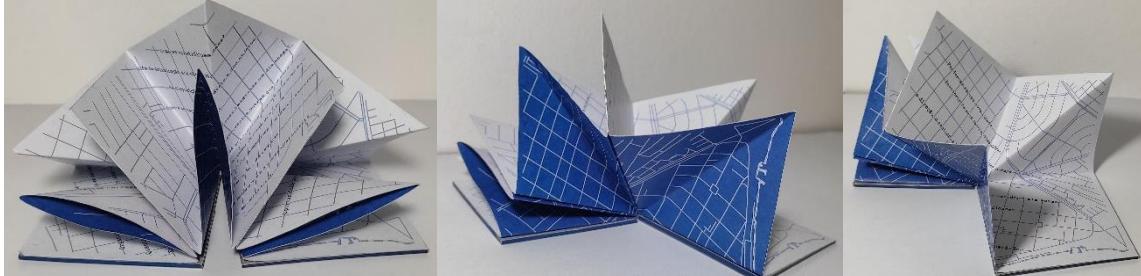
linguagem esquecida da memória que escapa entre os dedos. Realidade e ficção se misturam na construção dessa casa povoada por lembranças familiares, que desaparece e se desfaz lentamente entre os processos de arruinamento que o espaço-tempo proporciona.

Figuras 1 e 2: Publicação A Casa-Ruína



A publicação “Mapa para se perder” (2023) também trata sobre a perda de um lugar, sob o viés de encontrar e fundar um novo espaço para habitar, desfazer uma casa e refazê-la em outro território. A publicação (Figura 3, 4 e 5) é composta por três poemas, cujos versos compõem as linhas dos mapas da cidade de Rio Grande, o ponto de partida, até o mapa da cidade de Pelotas, o ponto de chegada. O processo de criação dos poemas teve como fio condutor um deslocamento de cidade e de casa. Os três mapas se desdobram, ligados um ao outro. Esse deslocamento não é de fato uma perda, mas uma sobreposição de espaços e tempos. O passado entremeia-se com a casa que está sendo construída no presente, e a casa imaginada do futuro, ao mesmo tempo que carregamos conosco as casas que já nos habitaram, seja através dos objetos ou das memórias.

Figuras 3, 4 e 5: Publicação Mapa para se perder (2023)



A terceira produção se encontra em andamento, “Não Repara a Bagunça” (2023) é uma proposição que consiste em realizar visitas domiciliares a pessoas conhecidas com a finalidade de ouvir narrativas sobre as memórias de suas casas. A partir dessas narrativas, pretendo desenvolver poemas que serão apresentados no formato de miniaturas de portas de casas (Figura 6 e 7). Ao abrir essas portas, os poemas revelam uma escrita que guarda a história de alguém sobre a sua casa, que convida o leitor para visitá-la e sentir seus cheiros, sons, gostos, texturas, relevos, e até mesmo os seus aspectos mais profundos: os sonhos, segredos, dores e encontros.

Figuras 6 e 7: Livro-objeto Não Repara a Bagunça (2023)



Através da escuta dessas narrativas proponho, então, não uma escrita do fantástico ou do extraordinário, mas do “infraordinário” (PEREC, 2010), do dia-a-dia, dos micro-acontecimentos da vida cotidiana. Assim, entendo que cada pessoa carrega um olhar único e possui experiências insubstituíveis, ainda que não sejam fatos excepcionais ou historicamente marcantes, e ao ouvir as histórias dessas pessoas, tenho acesso a algo particular e íntimo, que pertence a cada um.

4. CONCLUSÕES

Portanto, os trabalhos poéticos apresentados possuem essa relação entre a palavra e a materialidade que inaugura um lugar. Os três trabalhos contém, em si, uma sugestão de um modo de acessar, a proposição de uma maneira do outro corpo se relacionar com aquele objeto, e buscam propor um espaço em que o leitor pode descobrir, experimentar, dobrar, construir, desmontar, habitar as palavras e relacionar-se com aquele tempo e espaço.

Pensar sobre a materialidade da escrita e a escrita como forma de criar lugares, aproximar a palavra dos objetos e gestos cotidianos, é também uma proposta de alteração na forma de olhar o mundo que nasce de maneira despretensiosa. Para escrever sobre os lugares e inscrever as palavras no mundo, é preciso notar com atenção o lugar a partir de onde se escreve. É um convite a desautomatizar o olhar através da arte, (re)ver aquilo que já foi visto e ressignificar o que se tornou imperceptível aos nossos sentidos. Por fim, considero que a escrita é uma potência de criação poética, de aproximação com o outro, de troca e diálogo, bem como de construção coletiva sobre o mundo, a vida e os modos de habitar os lugares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COELHO, Elke. A escrita enquanto risco. In: Escrita em artes. Org. Aline Dias, Diego Rayck, Vitória, ES : EDUFES, 2019.
- DIAS, Aline. observações sobre a escrita em artes (a partir de uma tentativa de estimular que outras pessoas escrevam). In: Escrita em artes. Org. Aline Dias, Diego Rayck, Vitória, ES : EDUFES, 2019.
- MORAIS, Fabio. De Repente. Fabio Morais Blog, 2021. Disponível em: <https://fabiomorais.blogspot.com/2022/02/de-repente-2021.html> Acesso em 07/09/2023.
- MORAIS, Fabio. Fabio Morais entrevista Fabio Morais. Instituto Tomie Ohtake, 2016. Disponível em: <https://www.institutotomieohtake.org.br/media/acao_educativa/blog/marco/post-fabio-morais.pdf> Acesso em 07/09/2023.
- PEREC, Georges. Aproximações do quê?. Alea: Estudos Neolatinos, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 177-180, jun. 2010. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-106x2010000100014>. Acesso em: 07/09/2023
- REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: O meio como ponto zero: Metodologia da pesquisa em Artes Plásticas. Org. Blanca Brites, Elida Tessler. Porto Alegre : Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- SACCO, Helene. A (Ré)fábrica : um lugar inventado, entre a objetualidade das coisas e a sutil materialidade do desenho e da palavra. 2014. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) - Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/116093>> Acesso em: 07/09/2023
- TESSLER, Elida. (2020). Word Work World: o universo da palavra dada. Revista De Comunicação E Linguagens, (52). Obtido de <https://rcl.fcsh.unl.pt/index.php/rcl/article/view/36>, Acesso em: 07/09/2023